

O QUE TOCA A MONOTIPIA: IMPRESSÕES EMERGENTES DE UM PROCESSO CRIATIVO

LUANA REIS SILVINO¹; ANGELA RAFFIN POHLMANN²

¹*Universidade Federal de Pelotas – luarsilvino@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – angelapohlmann@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Inicio essa escrita com a intenção de reunir trabalhos recentes e traçar relações processuais enquanto organizo, por meio da palavra, o pensamento em torno da produção gráfica que realizei durante a primeira metade de 2023, na passagem pelo Ateliê de Gravura III, disciplina do Bacharelado em Artes Visuais da UFPel. Aproveito o tempo lento da escrita para olhar com mais demora o que toca a monotipia, compondo junto com as considerações de Luise Weiss (2003), sobre a monotipia, e Maria do Carmo de Freitas Veneroso (2012), acerca do campo ampliado da gravura.

A monotipia escoa do terreno da gravura. Prevê, conforme o próprio nome, uma única impressão. Como as coisas que não são uma coisa nem outra, ela está entre. Se aproxima da pintura pela mancha ou por camadas de tinta, do desenho pelo traço, e sustém a características da gravura de inversão da imagem (WEISS, 2003). Além de ser uma técnica muito simples, que não exige grandes aparatos, apenas uma superfície lisa, papéis, rolo e tinta adequados ao que se quer.

Encaro as impressões únicas como procedimento recorrente nos meus trabalhos, e traço aqui um recorte ao desfiar dois casos: a feitura da xepa, Zine que decorre da monotipia, e uma série de trabalhos ainda em andamento, de palavras impressas.

2. METODOLOGIA

Na minha prática, uso com frequência tintas tipográficas, à base de óleo, e tinta para xilogravura, à base d'água. Abro uma ou mais mesas de tinta, esticando-as sobre um vidro, e experimento a superfície entintada - mediada pelo papel -, até encontrar o ponto de pregnância, a consistência e quantidade de tinta ideais para a impressão. E o ideal varia.

Ao trabalhar com mais de uma camada de tinta, recorro, de início, a um lugar mais experimental da técnica, explorando excessos de tinta, descobrindo vazamentos, impregnações. A monotipia me impressiona, ela imprime o não esperado, não é constante e muito pouco previsível. As marcas do contato surpreendem, e embora seja possível ter mais controle sobre a mancha gráfica, valorizo a qualidade indicial da imagem e não evito o toque sobre o papel na superfície entintada, acolhendo também o vestígio das mãos.

Nesse instante de relação com a tinta, tudo o que toca o papel produz nele uma imagem, e de maneira espelhada, o negativo dessa mesma imagem surge na mesa de tinta, em reciprocidade. A impressão, nesse sentido, é sempre um índice do contato.

Ao adicionar novas camadas de cor, posso recorrer a alguns métodos para gerar impressões menos maculadas, esticando com o rolo uma quantidade

mínima de tinta, e, se necessário, removendo parte da tinta esticada. Para isso, posicione um papel sobre ela e percorro com uma espátula a área da folha, ou ainda, misturo um pouco de carbonato de cálcio à tinta antes de esticá-la, para torná-la um pouco mais dura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Às vezes, encaro a monotipia como procedimento na construção de um trabalho, como na feitura da *Zine xepa*. As impressões das imagens e texto da *xepa* são monotipias, e como é próprio da gravura, prevejo a inversão de toda a imagem que produzo sobre a mesa tinta, sendo o texto também imagem.

A *Zine* dedica cada edição a uma fruta, legume ou verdura, e traz uma receita vegana como convite para celebrar o alimento, abrindo a possibilidade de partilha. Além de ser um trabalho gráfico, por levar consigo uma receita penso que a *Zine* é propositiva, pois na medida em que é compartilhada, estende ao outro a possibilidade de fazer também. E embora traga medidas, pesos, tempos, proporções, indicações de como fazer, é inerente à receita uma fração de invenção. Ao usar o que se tem em casa, substituir isso por aquilo, a receita varia.

A montagem da *xepa* acontece com a colagem das impressões. Gero, com as monotipias originais, uma espécie de matriz de papel, que multiplico através da xerografia. O modo de reprodução maquinico contrasta com a insistência na monotipia - que prevê impressões únicas -, com a feitura analógica da *xepa*, e acrescenta sua própria camada de informação: variações de cor, deslocamentos no papel e outras marcas do xerox, que viabilizam a ampla circulação da *Zine*.



Figura 1. Varal de impressões das cenouras. 2023.

Nesse tempo de ateliê, trabalhei nas monotipias da 2º edição da *xepa*, voltada à cenoura - pontualmente, às ramas da cenoura. Em decorrência do meu olhar constante para a hortaliça na feira, na cozinha de casa e no ateliê, produzi um volume considerável de desenhos e impressões (Figura 1), das raízes alaranjadas que geralmente compramos e entendemos como alimento, às folhas que escapam a essa compreensão e costumam ser descartadas, mas que também podem ser consumidas, e rendem um molho pesto delicioso (vide *xepa*!).

Numa outra série de trabalhos, ainda em andamento, que também considera a escrita na monotipia, começo a reunir palavras que emergem desse processo de impressão, ao pensar, fazer e falar sobre monotipia. Ao olhar as impressões, descubro acúmulos, ruídos, vazamentos, pregnâncias e impregnações, inversões, pressões, variações, surpresas. Tenho escrito essas palavras em papéis, sobre a mesa de tinta, invocando-as como imagens (Figura 2).

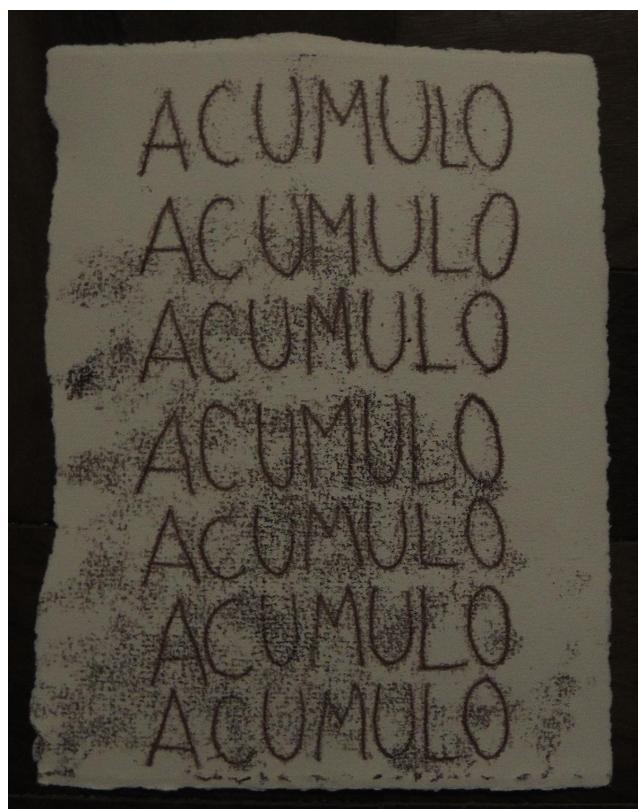


Figura 2. *Acumulo*, monotipia. 2023.

Em seu texto sobre o campo ampliado da gravura, Maria do Carmo de Freitas Veneroso aponta a busca pela visualidade da letra, e os “vínculos existentes entre a palavra e a imagem, entre o traço do desenho e o traço da escrita, revelando que a escrita não é apenas um meio de transcrição da fala, mas é uma realidade dupla, dotada de uma parte visual” (VENEROSO, 2012, p. 92).

Ao imprimir as palavras que surgem da monotipia, elas se tornam também monotipia, e assumem essa realidade dupla da qual fala Veneroso (2012). As

palavras são carregadas de definições e significados, enquanto as impressões das palavras sustêm características visuais do processo de impressão, que se relacionam com o vocabulário.

4. CONCLUSÕES

No meu processo de criação em gravura e nas artes gráficas, valorizo as imagens produzidas sobre a mesa de tinta, a qualidade visual que as caracteriza, e a zona maleável da monotipia.

Na vivência do Ateliê de Gravura III ganho maior intimidade com a técnica e recorro a ela em diferentes camadas da feitura de um trabalho. Diferente da *xepa*, que passa pela monotipia como um meio de impressão, um procedimento, e busca outros recursos para tornar-se múltipla, na série de palavras-impressão a monotipia é o trabalho em si, integrando a produção das impressões únicas e suas surpresas, variações, ruídos, etc.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. O campo ampliado da gravura: suas interseções e contrapontos com a escrita e a imagem no contexto da arte contemporânea. Revista **PORTO ARTE**: Porto Alegre, v. 19, n. 32, maio/2012. p.85-102.

WEISS, Luise. Monotipias: algumas considerações. **Cadernos de Gravura** nº 2. Campinas: Instituto de Artes–Unicamp, nov. 2003. p.19-23.